

Jaime Cláudio Silva



**A VALORIZAÇÃO DA ARTE E DO ARTE - EDUCADOR: UMA
BUSCA PERMANENTE**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2016

Jaime Cláudio Silva

**A VALORIZAÇÃO DA ARTE E DO ARTE - EDUCADOR: UMA
BUSCA PERMANENTE**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Prof. Conceição Linda de França

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2016

A valorização da arte e do arte-educador: uma busca permanente: Especialização em Ensino de Artes Visuais/. – 2016. f. 78.

Orientadora: Conceição Linda de França

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Conceição Linda de França. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *A valorização da arte e do arte-educador: uma busca permanente*, de autoria de Jaime Cláudio Silva aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Conceição Linda de França

- Orientadora -

Marcella Furtado

- Membro da banca -

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha

Coordenador do CEEAV

PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2016

Dedico este trabalho a todos os que
perpassaram a minha história e que
em mim acreditando; ajudaram-me a
chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais uma etapa vencida em minha vida.

À Universidade Federal de Minas Gerais por esta oportunidade.

Aos professores da UFMG – Escola de Belas Artes – Programa de Pós-Graduação em Artes – Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, que contribuíram para o meu desenvolvimento educacional de maneira sobrecomum.

À nossa tutora Maria Aparecida Ribeiro pela dedicação e empenho.

Ao orientador no primeiro momento Professor Willi de Barros Gonçalves.

À orientadora no segundo momento Conceição Linda de França.

À todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho se realizasse de forma plena e consistente.

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.”

(Rubem Alves)

RESUMO

Este trabalho objetiva mostrar através da investigação e fundamentação teórica a importância e a valorização da Arte nas escolas de nível Fundamental e Médio, bem como o papel do Arte educador (atuação e formação) necessário para o seu ensino. Uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96 - determinou-a como disciplina obrigatória já que o seu fazer e apreciar pode ser cultivado por intermédio de oportunidades educativas - depreende-se desta obrigatoriedade que a educação através da arte constitui um importante meio para o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos. Neste sentido, o contato com a Arte deverá dar-se pela mediação de um educador sensível, competente, capaz de criar situações para que o educando possa ampliar a leitura e a compreensão do mundo e sua cultura.

Palavras-chave: Arte - Arte-educador - Formação - Atuação – Aprendizagem, Ensino de Arte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.09
CAPÍTULO 1 – A valorização da arte e do arte-educador: uma busca permanente	p.12
CAPÍTULO 2 – A formação do professor em face da experiência docente necessária ao ensino aprendizagem de artes visuais	p.29
2.1 O Projeto Político Pedagógico (PPP) - participação e elaboração: compromisso com a prática educativa	p. 44
CAPÍTULO 3 –O papel do arte-educador e sua prática educativa numa perspectiva transformadora do conhecimento	p. 47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 54
ANEXOS	p. 60
1 – Plano de aula – Perspectiva	p. 60
2 - Questionários para entrevista	p. 63
2.1 – Pesquisa com diretores e especialistas.....	p. 63
2.2 – Pesquisa com professor regente	p. 64
2.3 – Pesquisa com pais	p. 65
3. Imagens	p. 66
3.1 Feira Cultural – E.E. Chiquinha Soares	p. 66
3.2 Literarte do colégio Darwin – Bom Despacho	p. 71

INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva discutir a valorização da Arte enquanto disciplina, dado que em muitas situações a sociedade e até mesmo a escola outorga-lhe pouco valor, como podemos comprovar a partir de TOURINHO (2003, p.28) “a hierarquia do conhecimento escolar – explícita e implícita – ainda mantém o ensino de Arte num escalão inferior da estrutura curricular; porém, felizmente, não decreta seu falecimento.”; bem como a valorização/formação necessária do arte-educador face aos desafios para o ensino das Artes Visuais.

Na realização deste estudo foi utilizada a pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica, que possibilita buscar informações e comprovações do assunto abordado.

Segundo Godoy (1995):

Há um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa qualitativa: o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, o caráter descritivo, o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador, o enfoque indutivo. (GODOY, 1995, p.62)

Usada como forma ancestral de manifestação, a Arte é considerada como elemento cultural dos povos, patrimônio comum a ser apropriado por todos, expressão profunda e especificamente humana nas diversas formas que se apresenta, tais como: a música, a dança, a poesia, o teatro, o cinema, e até mesmo as artes digitais (advinda das novas tecnologias). Assim sendo, sua função só pode ser pensada a partir do contexto histórico em que se realiza.

Desta maneira, a escola, deve atentar-se à Arte como meio de aprendizagem e como área de conhecimento já que se constitui disciplina obrigatória da educação básica conforme determinação da LDB 9394/96; não apenas em questões relativas ao acesso e à apropriação da produção existente, como também na organização da escola como espaço de criação estética. Neste contexto, a Arte constitui-se como experiência estética e humana, como área de conhecimento que tem seus conteúdos próprios.

Conforme IAVELBERG (2003):

[...] quem conhece a Arte amplia sua participação como cidadão, pois pode compartilhar de um modo de interação único no meio cultural. A participação na vida cultural depende da capacidade de desfrutar das criações artísticas e estéticas, cabendo à escola garantir a educação em arte para que seu estudo não fique reduzido apenas à experiência cotidiana. Aprender a arte envolve a ação em distintos eixos de aprendizagem: fazer, apreciar e refletir sobre a produção social e histórica da arte, contextualizando os objetos artísticos e seus conteúdos. Contextualizar é situar criações no tempo e no espaço, considerando o campo de forças políticas históricas, sociais, geográficas, culturais, presentes na época da realização das obras. (IAVELBERG, 2003, p. 9-10)

Neste sentido, reforça-se a importância do componente curricular Arte que compreende as dimensões afetiva, cognitiva e social do homem e, sobretudo a forma como ela é apresentada nas escolas pelas mãos do Arte-educador na relação professor/aluno em sua prática pedagógica que deverá ser amparada por constantes buscas de aperfeiçoamento profissional.

De acordo com DUARTE JR.¹ (1995),

A educação é, por certo, uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo, do brincar, em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido – do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos. No espaço educacional comprometemo-nos com a nossa “visão de mundo”, com nossa palavra. Estamos ali em pessoa – uma pessoa que tem os seus pontos de vista, suas opiniões, desejos e paixões. Não somos apenas veículos para a transmissão de ideais de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional é, sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente. (1995, p.74).

NÓVOA (1995) nos apresenta a prática pedagógica como o resultado de um processo identitário que corresponde a uma construção ao longo da vida e da carreira de professor, no qual há de se considerar que os saberes da docência são compostos por saberes da experiência, do conhecimento e pedagógicos. Por isso, a trajetória individual de cada professor e a história das práticas sociais e educativas

¹Professor da Unicamp e teórico do ensino da arte

precisam ser consideradas, pois, a apropriação desses saberes por parte dos docentes é resultado de um processo histórico e, como tal, sujeito a diversas implicações. (ZIBETTI; SOUZA, 2007)

Fundamenta-se este trabalho nos estudos dos grandes teóricos da Educação, como Paulo Freire, Lúcia Gouvêa Pimentel, Rosa Iavelberg, entre outros; buscando apresentar suas concepções de ensino/aprendizagem, bem como, suas abordagens a respeito da formação do educador.

Organiza-se em três capítulos. No primeiro, abordaremos a busca incessante pela valorização da Arte-educação, bem como, a do arte-educador; no segundo, a formação do professor docente em face da experiência docente necessária ao ensino aprendizagem de Artes Visuais. E no terceiro; o papel do arte-educador: sua prática educativa numa perspectiva transformadora do conhecimento.

1. A VALORIZAÇÃO DA ARTE E DO ARTE - EDUCADOR: UMA BUSCA PERMANENTE

Desde o início da história da humanidade, a arte tem se mostrado como uma práxis presente em todas as manifestações culturais. O homem que desenhou um bisão em uma caverna pré-histórica teve de aprender e construir conhecimentos para difundir essa prática. E, da mesma maneira, compartilhar com as outras pessoas o que aprendeu. A aprendizagem e o ensino da arte sempre existiram e se transformaram, ao longo da história, de acordo com normas e valores estabelecidos, em diferentes ambientes culturais. (BRASIL, 1997, p.20)

Neste sentido, o ensino das artes visuais tem sido nos últimos anos, motivo de mobilização por parte dos arte-educadores brasileiros. Resultados dessas mobilizações são: a inserção da Arte como disciplina obrigatória no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) e as pesquisas que têm sido desenvolvidas para a ampliação do escopo metodológico e de materiais didáticos para a área.

A Arte que sempre permeou nossa formação intelectual e acadêmica tem nos movido na busca por um melhor entendimento sobre qual é o seu papel na educação escolar contemporânea e em como fazer da disciplina Arte, lecionada no nível fundamental e médio, um componente curricular cada vez mais significativo, elevando-a ao patamar que ela merece, uma vez que somos profissionais atuantes na área.

A ideia do autor ao escrever sobre a valorização desta disciplina nasceu de uma angústia latente ao perceber que em pleno século XXI ainda encontramos pessoas (até mesmo educadores) que não dão e/ou não entendem a importância da Arte no contexto educacional, a forma como ela é ensinada, uma vez que perpassa todos os conteúdos, assim como o importante papel do arte-educador perante a educação que a escola contemporânea requer.

Neste contexto de valorização, enquanto disciplina curricular é notável a interação de Ana Mae Barbosa nos últimos 20 anos para a construção de uma proposta de ensino da Arte em face às necessidades de nosso país e nosso tempo.

Ela contribui neste sentido através de publicações, livros, artigos e sua constante presença em seminários, encontros, eventos.

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (2001) amplamente estudada por diversos pesquisadores e nos apresentada de forma sintetizada por Juliana Gouthier (2009, p.20) e Sâmara Santana (ibidem, p.40) se fundamenta no momento em que a educação no Brasil busca a preparação do educando para o exercício da cidadania com conhecimentos que o capacitem inserir-se na realidade de forma crítica e criadora, desligando-o de formas alienadas e domesticadoras que sobre ele se impõe. Torna-se então imprescindível assegurar o espaço da Arte na formação deste novo homem.

Os pilares que sustentam a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa se fundamentam em uma tríade de ações básicas: ler as obras de Arte, fazer Arte e contextualizar.

Os PCN (1997) claramente baseados na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, também defendem que:

O aluno desenvolve sua cultura fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de ideias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico. (BRASIL, 1997, p. 19)

Nesse sentido, FERRAZ e FUSARI, menciona que: “Quando o educador sabe intermediar os conhecimentos, ele é capaz de incentivar a construção e habilidades do ver, do observar, do ouvir, do sentir, do imaginar e do fazer, assim como suas representações”. (2001, p.63)

Como assinala BARBOSA:

O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor e decodificador da obra de arte [...]. A escola seria a instituição

pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação [...] (BARBOSA, 2001, p. 10)

Apesar de em 1971 ter sido incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística (Lei nº 5692/71), a Arte continuou sendo considerada “atividade educativa” e não disciplina, tratando de maneira superficial e indefinida o conhecimento. Desta forma outras disciplinas imperavam absolutas, enquanto a Arte ficou a serviço das mesmas, um meio de ilustrá-las.

Como reação ao descaso com que o ensino da Arte era tratado, as atividades artísticas ficaram vinculadas às comemorações de datas cívicas e festejos no recinto escolar. Eram tantos trabalhos mimeografados para colorir, recortar, colar, confecção de lembrancinhas para o papai, a mamãe, entre outros, que contribuíram para a desvalorização desta disciplina; não despertando interesse em alunos que não possuíam habilidades manuais e esbarrando no desprezo da matéria perante as demais áreas do conhecimento.

Com a nova LDB (1996), é extinta a Educação Artística e entra em campo a disciplina Arte, reconhecida oficialmente como área de conhecimento determinando que: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (LDB 9394/96 - art. 26, § 2º)².

Mesmo estando inserida no currículo escolar como carga obrigatória nos diversos níveis da Educação Básica, definidos pela LDB (1996), o Conteúdo Básico Comum - Arte (CBC-ARTE, 2006) do Estado de Minas Gerais em consonância com os PCN (1997); o ensino de Arte vem enfrentando desafios na sua “obrigatoriedade”.

Entre a letra da lei que determina sua obrigatoriedade em toda a vida escolar do aluno e **em todos os anos de ensino**³, e a realidade da carga horária praticada em algumas escolas de Bom Despacho (MG); existe uma grande diferença, que pode ser observada conforme a tabela a seguir.

²O símbolo “§” seguido de número arábico correspondente e do símbolo de numeral ordinal, até o nono parágrafo é utilizado em decretos e leis quando houver mais de um parágrafo, inclusive. (“§ 1º”, “§ 2º”, etc.).

³Grifo nosso

Tabela 1– Distribuição de Carga Horária da disciplina Arte

Distribuição de Carga Horária da disciplina Arte			
Ano	Escola	Série em que a arte é oferecida	Carga/horária semanal
2005	E.E. Chiquinha Soares (pública)	9º ano Ensino fundamental e 1º ano Ensino Médio	01 aula (50 min.)
2006	Escola Criativa (particular)	6º e 7º ano - Ensino Fundamental	01 aula (50 min.)
2006 a Julho de 2012	E.E. Martinho Fidélis (pública)	9º ano Ensino Fundamental e 1º ano Ensino Médio	01 aula (50 min.)
2012 a Agosto 2015	E.E. Chiquinha Soares (pública)	9º ano Ensino fundamental e 1º ano Ensino Médio	01 aula (50 min.)
2014 e 2015	Colégio Darwin (particular)	6º ao 9º ano Ens. Fundamental e 3º E. Médio	01 aula (50 min.)

Fonte: Elaboração própria do autor

A partir dos dados apresentados, constata-se que nas Escolas Estaduais Martinho Fidélis e Chiquinha Soares, esta disciplina até o ano de 2014 somente era oferecida no 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio. A partir de 22 de janeiro de 2015, houve uma mudança e a Arte passou a ser oferecida em todos os anos do Ensino Médio, conforme a Resolução n° 2.742 SEE-MG (Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais).

A atuação do autor como Arte-educador teve início no ano de 2005 quando ainda era estudante no último ano de graduação. Até o presente momento o mesmo atuou em duas escolas públicas e duas escolas particulares de Bom Despacho, nas quais, ao longo dos anos tem contabilizado muitas experiências significativas.

A sua investidura no cargo de professor na rede estadual de ensino deu-se através de contrato, tendo em mãos a documentação exigida e também o CAT (Autorização para lecionar a título precário em escola estadual de educação básica).

Para uma melhor atuação profissional, o autor tem buscado aperfeiçoamento através de um processo de formação contínua. Ao ingressar no Curso de Especialização em Artes Visuais, seu principal objetivo era dar continuidade à sua

qualificação, na aquisição de novos conhecimentos de forma a complementar e consolidar sua formação em Arte. Ressalta ainda que esta parceria da UFMG / EBA com a UAB tem oportunizado, de forma ímpar e acessível, um estudo de qualidade a todos os participantes e que a investidura nesta Especialização também tem feito a diferença em sua práxis.

Em sua trajetória como arte-educador tem encontrado dificuldades, pois precisa conciliar teoria e prática no restrito tempo de carga horária obrigatória - uma aula semanal - e nos poucos anos em que o ensino de Arte é oferecido nas escolas públicas Chiquinha Soares e Martinho Fidélis, citadas anteriormente. Mesmo primando pelo ensino das Artes Visuais, necessita fazer um condensado das habilidades que os alunos precisariam desenvolver do 6º ao 9º ano.

No CBC de Arte do Estado de Minas Gérias, (CBC-2006) da página 22 à 31 os conteúdos estão organizados de maneira que possam ser trabalhados ao longo do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e da página 58 a 72 para o 1º ano do ensino médio. Também estão elencados os tópicos das habilidades que os alunos devem desenvolver na Educação Básica.

Apesar de o CBC discorrer que “o professor poderá escolher quais os conteúdos que tem condições de desenvolver de forma mais consistente” (2006, p.21), percebemos que a prática incita-o a trabalhar as diversas abordagens relacionadas à Arte; já que não pode contar sempre com a ajuda de outros profissionais qualificados para auxiliá-lo. Desta forma, podemos concluir que se torna inviável garantir aos alunos a **aquisição de todas as habilidades necessárias**, ao ministrar tamanho conteúdo em tão pouco tempo e conciliar teoria e prática.

Como o conhecimento em Arte a ser desenvolvido é amplo, o CBC propõe que, “para cada área específica: artes visuais, música, dança e teatro, é necessário um professor especialista e condições mínimas de estrutura para que seu ensino seja significativo” (CBC-2006, p.11). Infelizmente a realidade não é esta. O professor de arte necessita ser polivalente na administração desses conteúdos.

Sobre a polivalência no ensino de artes podemos citar várias fontes que demonstram ser um problema antigo. Podemos citar como exemplo o texto do PCN;

De maneira geral, entre os anos 70 e 80, os antigos professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e os recém-formados em Educação Artística viram-se responsabilizados por educar os alunos (em escolas de ensino médio) em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor polivalente em Arte. Com isso, inúmeros professores deixaram as suas áreas específicas de formação e estudos, tentando assimilar superficialmente as demais, na ilusão de que as dominariam em seu conjunto. A tendência passou a ser a diminuição qualitativa dos saberes referentes às especificidades de cada uma das formas de arte e, no lugar destas, desenvolveu-se a crença de que bastavam propostas de atividades expressivas espontâneas para que os alunos conhecessem muito bem música, artes plásticas, cênicas, dança, etc. Pode-se dizer que nos anos 70, do ponto de vista da arte, em seu ensino e aprendizagem foram mantidas as decisões curriculares oriundas do ideário do início a meados do século 20 (marcadamente tradicional e escola novista), com ênfase, respectivamente, na aprendizagem reprodutiva e no fazer expressivo dos alunos. Os professores passam a atuar em todas as áreas artísticas, independentemente de sua formação e habilitação. (BRASIL,1997, p.24)

Assim, a “Educação Artística”, instituída como componente obrigatório pela Lei nº 5692/71 em seu artigo 7º, reuniu numa só disciplina as quatro áreas do conhecimento supracitadas.

Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969. (Vide Decreto nº 69.450, de 1971)⁴

Mesmo sendo elevada posteriormente à categoria de “Disciplina” pela resolução nº1, de 31/01/2006 da Câmara de Educação Básica / Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE), a polivalência do professor continua recorrente na prática pedagógica. Fato este que pode ser facilmente comprovado analisando-se as propostas das Editoras “Positivo” e do “Sistema Ético de Ensino - Editora Saraiva” ao editarem as apostilas de Arte.

Editora Positivo:

A coleção Arte & Você tem como objetivo principal proporcionar aos alunos oportunidades de percepção e reflexão sobre a presença da Arte em nosso

⁴Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm> acesso em 17/01/2016

dia a dia. Abarcando os quatro âmbitos da disciplina – **Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança**⁵ –, a coleção estabelece um diálogo estimulante com os leitores, fazendo uso de vários recursos de linguagem, especialmente o da história em quadrinhos⁶.

E do “Sistema Ético de Ensino” da editora Saraiva:

A coleção A Arte de Fazer Arte traz uma proposta didática inovadora para o ensino de Arte, que prepara o aluno para identificar e apreciar novas formas de arte que vão surgindo e se combinando à sua volta. A Arte de Fazer Arte propõe o envolvimento do professor e do aluno na apreciação artística, na produção e na compreensão do fazer artístico para além da estética, nos campos da cidadania, qualidade de vida, nas diferentes manifestações artísticas, como **Artes visuais, Dança, Música e Teatro**⁷, seguindo os PCN e o PNLD.⁸

As apostilas supracitadas são adotadas respectivamente pelas escolas particulares: Criativa e Colégio Darwin, em Bom Despacho (MG), que oferecem o ensino de artes do 6º ao 9º ano há um bom tempo enquanto que nas escolas públicas só recentemente dois livros foram lançados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). São eles, “Arte em Interação”⁹ e “Por Toda Parte”¹⁰, disponibilizados para os alunos e professores de escola públicas a partir de 2015. Ambos trazem em seu conteúdo a música, a dança e o teatro entrelaçados com as artes visuais, conforme nos mostra respectivamente a Análise Didática do Guia de Livros Didáticos – PNLD 2015:

As temáticas abordadas na coleção incluem quatro campos artísticos (**Artes Visuais, Dança, Música e Teatro**¹¹) com o auxílio de diferentes recursos didáticos: textos, imagens, exercícios individuais, exercícios coletivos, práticas artísticas, leituras de imagens, reflexões e diálogos em grupos, pesquisa em sites e material bibliográfico. (PNLD 2015-Arte, p.31)

⁵Grifo nosso

⁶Disponível em <<http://www.editorapositivo.com.br/editora-positivo/livros-didaticos/projeto-eco/projeto-eco-ensino-fundamental/projeto-eco-artes.html>> acesso em 18/01/2016

⁷ Grifo nosso

⁸Disponível em <<http://www.editorasaraiva.com.br/produtos/show/isbn:9788502210554/titulo:a-arte-de-fazer-arte-9-ano/>> acesso em 18/01/2016

⁹Arte em Interação – código do livro: 42379L1328 – PNLD 2015 - Ensino Médio

¹⁰ Por Toda Parte – código do livro: 42395L1328 – PNLD 2015 - Ensino Médio

¹¹ Grifo nosso

A partir das propostas apresentadas anteriormente conclui-se que o professor realmente torna-se obrigado a ser polivalente na administração destes conteúdos, mesmo não tendo formação adequada para tal.

[...] há referências didático-pedagógicas para a formação e atualização do professor de Arte, relacionadas às especificidades de cada campo artístico. Os autores estão atentos à importância de se abordar a Arte para além da história das Artes Visuais, incluindo propostas interdisciplinares, apresentando as artes híbridas, fornecendo meios para se compreender as relações entre arte e vida, arte e sociedade, e explorando os processos de criação no campo das artes cênicas por meio de saberes da tradição e da arte contemporânea. (PNLD 2015-Arte, p.37)

Entre os desafios na “polivalência” do professor, a “obrigatoriedade” do ensino da Arte e a proposta do CBC (2006, p.21) cria-se um paradoxo entre o seu discurso e a realidade educacional ao propor que as áreas artísticas a serem trabalhadas na escola podem ser escolhidas pelo professor que tenha condições para desenvolvê-las de forma significativa e as outras áreas poderão ser ministradas por membros da comunidade que as dominem. O que destoia do discurso constante nos PCN ao afirmar que:

Sem uma consciência clara de sua formação e sem uma fundamentação consistente de arte como área do conhecimento com conteúdos específicos, os professores não podem trabalhar. Só é possível fazê-lo a partir de um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica, material adequado para as práticas artísticas e material didático de qualidade para dar suporte às aulas. (BRASIL, 1998, p. 30)

Conclui-se que entre a prática docente, o CBC, os PCN e a Proposta Triangular (Barbosa 2001, p. 10), persiste uma grande distância, um abismo. Como exposto anteriormente, a Arte mesmo sendo parte integrante do currículo escolar instituído pela LDB 9394/96, tem contado com profissionais que, além de polivalentes, continuam pouco qualificados.

Diante do exposto, constata-se que a prática fica então comprometida e a realidade vivida na escola acaba não dialogando com o CBC quando destaca que

“Ensinar Arte, significa, portanto, possibilitar experiências e vivências significativas em apreciação, reflexão e elaboração artística”. (CBC, 2006, p.13).

No entanto, Ana Mae Barbosa nos afirma que *“a formação do professor de Arte tem um caráter peculiar de lidar com as complexas questões da produção, da apreciação, da reflexão do próprio sujeito e das transposições de suas experiências com a Arte para a sala de aula com seus alunos”*. (BARBOSA, 2007)

Depreende-se do PCN-Arte que:

O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de ideias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico. (BRASIL, 1998, p. 19)

O que se pode notar é que o papel do arte-educador é desafiador e que a partir do que se apresenta, ele terá que elaborar exercícios e atividades como uma busca de soluções para problemas apresentados anteriormente, pensados a partir da realidade escolar, estimulando os estudantes à produção artística, ao ato de comparar e contrapor produções artísticas próprias e de outros autores. Tais atividades implicam em trocas, comparações e reflexões para o conhecimento da Arte e sua função na sociedade. Atividades como: seminários, pesquisa em sala de aula, na escola, em bibliotecas, nos meios eletrônicos, bem como a elaboração de textos, de artigos, apresentações práticas (individuais e em grupo) devem fundamentar os encaminhamentos metodológicos nas aulas de Arte.

Neste sentido, o autor deste trabalho, no início de sua carreira como arte-educador, angustiou-se buscando os conteúdos relacionados à Arte na esperança de não cometer os mesmos erros de outros profissionais que no passado *“apresentavam modelos estereotipados para serem repetidos ou apreciados, empobrecendo o universo cultural do aluno”* (BRASIL, 1998, p.29); e ao encontrá-los, teve plena consciência do que lhe foi negado durante longos anos: o seu **ato**

criador. Como aquele menininho que “*muito cedo aprendeu a esperar, a olhar e a fazer as coisas **exatamente** como a professora*”. (O Menino e a Flor)¹²

Não raras vezes, o mesmo tem recebido propostas pouco profissionais por parte de colegas educadores que o convidam a desenvolver com os alunos trabalhos relativos aos conteúdos por eles ministrados, ao invés de proporem uma interdisciplinaridade entre as disciplinas. Entre as muitas propostas recebidas, vale citar os pedidos de uma professora de matemática para utilizar as aulas de arte para confeccionar com os alunos os sólidos geométricos que estavam estudando, bem como ajudá-los no desenvolvimento de maquetes para as aulas de geografia. Outras vezes, a proposta veio da direção para confeccionar painéis ilustrativos e murais comemorativos a fim de decorar a escola; como se as aulas de Arte fossem aulas sem conteúdo específico.

Percebe-se claramente que o conhecimento que possuem em termos de Arte está vinculado às artes decorativas. Sequer imaginam quão vasto são os conteúdos a serem ministrados por nós arte-educadores e desenvolvidos pelos educandos.

Torna-se lamentável, diante da realidade que se mostra concordarmos com a afirmativa de CORRÊA (2007, p.169) quando nos diz que: “... *a arte ocupa, no currículo, um lugar de pouco destaque e pouco valorizado diante de outras disciplinas ainda consideradas como as mais importantes*”.

Constata-se que em razão da não compreensão da Arte como área específica do currículo pela qual o aluno poderá estabelecer conexões com outras disciplinas a partir de uma formação estética, crítica e social, muitas vezes, na escola ela se mantém em posição inferior, em quantidade e qualidade perante as demais áreas do conhecimento.

É favorável então neste momento citar Consuelo Schlichta que nos diz que “*sob a ótica da velha e falsa ideia de que a Arte é um luxo, as atividades artísticas não têm valor...*” (SCHLICHTA - 2009, p.28). Pensamento este que ela reitera ao afirmar:

¹²O Menino e a Flor – DVD 2 – Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Conforme visão ainda predominante, os conteúdos científicos podem ser adquiridos, enquanto os conteúdos artísticos, não; pois têm por fonte o mistério, a inspiração, etc. Essa contradição se estende não apenas à dicotomia entre útil e inútil, trabalho e prazer, mas mergulha, também, em nossas consciências, separando sentimento e emoção de razão e reflexão. (ibidem - 2009, p.36).

Analisando-se o exposto, pode-se observar que nessa “visão predominante” exclui-se a noção de Arte como técnica, ou mesmo como área de conhecimento, que pode ser ensinada e investigada, assim como a ciência.

Desta forma, percebe-se por parte de alguns educadores (quem sabe, devido à nossa própria formação) a dificuldade de colocar em prática a transdisciplinaridade, pois trazemos no bojo da nossa educação conteúdos disciplinares fragmentados e assim nos tornamos fragmentadores do pensar, do sentir e do agir.

De acordo com ZABALA, (1988, p. 142-144), a transdisciplinaridade traz uma visão mais complexa das ciências, da educação e dos problemas contemporâneos propondo novos modos de pesquisa e ação sobre a realidade mais integradores.

Neste sentido, Mônica KRAUZ comunga o pensamento anterior ao citar em reportagem na Revista Educação¹³ que a transdisciplinaridade é um conceito [...] amplo. O prefixo “trans” quer dizer aquilo que está entre, através e além. [...], um ensino transdisciplinar não se restringe nem à simples reunião das disciplinas nem à possibilidade de haver diálogo entre duas ou mais disciplinas porque ultrapassa sua dimensão. Faz com que o tema pesquisado passe pelas disciplinas, porém sem ter como objetivo final o conhecimento específico dessa mesma disciplina ou a preocupação de delimitar o que é o seu objeto ou o que é de outra área inter-relacionada. A transdisciplinaridade se preocupa com a interação contínua e ininterrupta de todas as disciplinas num momento e lugar.

¹³KRAUSZ, Mônica. **Onde as disciplinas se encontram.** Revista Educação. Set./2011. Disponível em: < <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/132/artigo234363-1.asp> > Acesso em 09/01/16



Figura 1 – Perspectiva holística da realidade¹⁴

Fonte: Página da Revista Online¹⁵ de Iniciativa do Portal do Professor do MEC

Na medida em que os conhecimentos teóricos relativos às Artes Visuais vão sendo introduzidos pelo autor deste trabalho, também é muito comum ouvir dos alunos que “*achavam que as aulas de Arte seriam voltadas somente às práticas de desenho, colorido e pintura*”, ou seja, para desenvolver trabalhos manuais.

Esta visão arraigada tem lá suas anterioridades. Nos anos iniciais do ensino fundamental, é prática corrente o professor desenvolver com os alunos atividades artísticas como formas de socialização. E mesmo como respaldo para sua disciplina, alguns professores pautam suas aulas apenas neste tipo de atividades; de acordo com o conteúdo e o ano em que estejam trabalhando ou projetos desenvolvidos na escola. Tais práticas podem ser comprovadas nas imagens fotografadas (Figuras 2, 3, 4 e 5) no recinto da Escola Estadual Chiquinha Soares, no ano de 2015.

¹⁴A perspectiva holística da realidade é representada pela ideia de uma consciência transdisciplinar. Presente em todos os setores do conhecimento, ela diz respeito ao conjunto de saberes particulares, visando o entendimento acerca dos mecanismos de funcionamentos humano e físico. Nesse sentido, a compreensão do real, sob a ótica holística, somente alcança uma definição, ainda que provisória, a partir da análise das inter-relações com outros elementos, e não pelo método cartesiano, que “*analisa o mundo em partes e organiza essas partes de acordo com leis causais*”. (CAPRA, 1999, p. 80)

¹⁵Disponível em: <<https://transdisciplinaridade.wordpress.com>>, acesso em 24/01/16



Figura 2 – Primavera - Arte referente ao tema Primavera

Fonte: Murais da E. E. Chiquinha Soares – alunos do 5º ano



Figura 3 - Primavera – Arte mural referente ao tema primavera

Fonte: Murais da E. E. Chiquinha Soares– alunos do 4º ano



Figura 4 – Folclore brasileiro – Arte mural referente ao tema Folclore

Fonte: Murais da E. E. Chiquinha Soares – alunos do 5º ano



Figura 5 – Alunos do 3º ano com a Professora de Língua Portuguesa¹⁶

Fonte: Arquivo Fotográfico da Escola Chiquinha soares

¹⁶ Projeto da professora de Língua Portuguesa Kimênia Lacerda, com alunos do 3º ano em frente ao mural criado por eles para o evento “Metropolitan”.

Entende-se, que este saber artístico desenvolvido como atividade lúdica e de socialização também é importante para o aluno na construção do conhecimento. No entanto, as ponderações de SCHLICHTA a este respeito nos dizem que:

Não há como ignorar que, embora *principal*, por vezes, o saber artístico e sua socialização continuam em um patamar secundário na escola; conseqüentemente o conhecimento continua nas mãos de poucos privilegiados. Isso é igualmente válido em relação ao como ensinar, em geral limitado a prática pedagógica, sobretudo no Ensino Fundamental, centradas nas técnicas: desenho cego, desenho soprado, desenho raspado, pintura a dedo, recorte e colagem, dobradura de casinha, de florzinha, confecção de carimbos, cantos com gestos associados ao tema da música; enfim no puro fazer, confundindo-se conteúdo com desenvolvimento de habilidades. (SCHLICHTA, 2009, p.32)

Quanto à atuação como arte-educador, o autor deste trabalho salienta que no 9º ano do Ensino Fundamental, o mesmo tem primado para que os alunos desenvolvam saberes relativos às artes visuais como a teoria da forma, composição, bi e tridimensionalidade, entre outros, conforme as orientações do CBC explicitadas nas p. 23 e 24. Já no 1º ano do Ensino Médio, o viés de estudo se dá sobre a História da Arte, os artistas, seus estilos e suas produções que como bem diz SCHLICHTA (2009, p.34), “são filhas de seu tempo”.

Maria Cândida Moraes (2012, p.136), importante intérprete de EDGAR MORIN (1990), nos diz que “*o conhecimento está, por consequência, em constante construção, mediante interações e transformações.*”

Neste sentido, expomos o pensamento de Piaget (1896-1980), ao definir o ensino transdisciplinar como um grau mais elevado de interdisciplinaridade. Segundo ele, haveria um momento na história do pensamento humano em que a interdisciplinaridade alcançaria um grau de conexão tão intenso que as disciplinas, para além do diálogo, chegariam a um nível mais elevado de interação.

Entendendo a Arte como agente transformador e formador do cidadão, faz-se então necessário que nós arte-educadores desenvolvamos ações que promovam melhorias no ensino e na valorização do conteúdo Arte **para que tenham**

consonância com o discurso¹⁷ dos Parâmetros Curriculares Nacionais ao afirmar que:

Dentre as várias propostas que estão sendo difundidas no Brasil na transição para o século XXI, destacam-se aquelas que têm se afirmado pela abrangência e por envolver ações que, sem dúvida, estão interferindo na melhoria do ensino e da aprendizagem de arte. Trata-se de estudos sobre a educação estética, a estética do cotidiano, complementando a formação artística dos alunos. Ressalta-se ainda o encaminhamento pedagógico-artístico que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica. (BRASIL, 1997, p.25)

Acreditando na interdisciplinaridade, abre-se aqui um parêntese para explicitar uma reportagem da revista eletrônica Nova Escola de autoria de Cristiane Marangone Ferdinando Casagrande onde ela nos apresenta a proposta do Colégio Sagrada Família, em Blumenau (SC):

O Colégio Sagrada Família, um dos mais tradicionais de Blumenau, a 184 quilômetros de Florianópolis, que criou uma atividade envolvendo **História, Geografia e Arte**¹⁸ para comemorar os 150 anos da cidade. "A meta era ensinar aos alunos de 8ª série mais sobre nossa região", conta a coordenadora pedagógica Arlete da Silva Feltrin. "Graças ao projeto, eles conheceram a área urbana nos mínimos detalhes." [...]

[...] A professora de Arte, Estephânia Pereira, enfocou as técnicas de fotografia para garantir a qualidade do material produzido pela garotada. No final, todos produziram painéis para a exposição, que foi aberta ao público. "Aproveitei para mostrar como é o cotidiano dos fotógrafos", diz ela, revelando a preocupação em desenvolver atividades tão ou mais importantes do que as previstas no currículo. "A prova do aprendizado foi ver os alunos totalmente envolvidos, dentro do trabalho", conclui Arlete. [...]

[...] A técnica fotográfica é um recurso didático importante, avalia Paulo Portela Filho, coordenador do serviço educativo do Museu de Arte de São Paulo (Masp). Ela permite que eles revelem suas formas de ver o mundo. "A câmera é um instrumento de registro que está a serviço do olho", diz Portela.

As fotos podem ajudar o professor a desvendar o que sua turma sente e pensa. "Com habilidade e perspicácia, descobrimos temas a trabalhar em sala de aula, como o preconceito, a desinformação etc." Para o estudante, é importante destacar que, assim como as imagens que ele faz (ao apontar a lente), todas as fotos têm um significado comum: revelar o olhar e a

¹⁷Grifo nosso

¹⁸Grifo nosso

expressão do autor. [...] (CASAGRANDE, Cristiane Marangone Ferdinando)¹⁹

A partir do exposto percebe-se claramente as relações interdisciplinares envolvidas no processo de investigação e busca do conhecimento através do qual permitiu-se aos educandos lançarem um olhar sobre a realidade estudada, agir sobre ela e mostrar suas percepções através das múltiplas relações apreendidas a partir de uma visão não fragmentada do real, num processo de aprendizagem.

Face aos novos desafios que o ensino da arte nos apresenta, o autor deste trabalho continuará a incessante busca de novas respostas aos seus questionamentos no que diz respeito à valorização da Arte enquanto disciplina curricular e do profissional que sobre ela atua. E uma vez que o ensino não vem com receitas prontas, jamais, em tempo algum se deixar de questionar, em que se pode mudar?

¹⁹ CASAGRANDE, Cristiane Marangone Ferdinando. **Pesquisa no próprio quintal**. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/pesquisa-proprio-quintal-423211.html>
Acesso em 19/01/16

2. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR EM FACE DA EXPERIÊNCIA DOCENTE NECESSÁRIA AO ENSINO APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS

Este capítulo propõe refletir a respeito da formação e dos saberes docentes na atuação do profissional de Arte nas escolas de Ensino Fundamental e Médio; experiências, dificuldades e desafios.

Uma questão crucial é sobre o professor que irá colocar em prática os ensinamentos relativos à Arte em consonância com as propostas dos PCN–Arte (1997) e o CBC (2006); qual deverá ser a sua qualificação?

O CBC, ainda na introdução, nos alerta dizendo que “Não basta, porém, que a Arte esteja inserida nos currículos escolares. É necessário saber como é concebida e ensinada e como se expressa no contexto de cada região. ” (CBC, 2006, p.12). Assim, a função do arte-educador não é simplesmente ministrar aulas fragmentadas de arte, mas sobretudo propiciar meios para que as aulas sejam também um espaço de cultura que possibilite ao educando experiências e vivências significativas que o levem ao conhecimento e ampliação de linguagens e expressões artísticas.

Para ministrar uma boa aula é necessário que o professor domine o conteúdo a ser tratado, isto é, conheça o assunto de forma que possa orientar os processos de descoberta e aprendizagem dos alunos.

A formação deste profissional, no que se refere a seu preparo para desenvolver o lado criativo, intuitivo e sensorial do educando merece ser aprofundada, pois, pelo que se observa na prática diária, essa formação é muito precária, como bem descreve IAVELBERG (2007)

Muitas vezes, o professor é absorvido pelo cotidiano escolar reproduzindo, nas aulas, ideias alheias, as quais encontra em planejamentos prontos ou livros didáticos que não estimulam a reflexão. (IAVELBERG, 2007, p.55).

Sobre o ato de ensinar, o rigor, a autonomia e a criatividade que o mesmo exige; assim se expressou Paulo Freire (2001, p.58): "Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos".

Constantemente, em sua prática diária, o professor se depara com situações embaraçosas como a ausência de recursos, de materiais pedagógicos e outros instrumentos que o auxiliem na comunicação e compreensão da Arte; bem como a necessidade de sugestões e diretrizes mais práticas para o desenvolvimento de ações pedagógicas efetivas.

Se considerarmos a estrutura física das escolas em que outrora e atualmente o autor deste trabalho atua, constata-se que falta um espaço adequado ao desenvolvimento de atividades que tem por finalidade propiciar ao educando a construção das bases teóricas e práticas de acordo com o conteúdo que está sendo desenvolvido; fato que o leva a utilizar espaços alternativos ou limitar sua prática apenas à sala de aula. No entanto, compreende-se que, muitas vezes, ter espaço físico adequado e recursos materiais facilitados não é garantia de um ensino de qualidade.

Neste sentido, a luta por uma valorização da disciplina Arte torna-se uma constante em sua prática educativa. Em face das dificuldades existentes não deixa-se abater. Ao contrário, procura desenvolver alternativas diferenciadas e significativas buscado tornar suas aulas mais atrativas. Para tal, lança mão das tecnologias existentes como data show, notebook, vídeos encontrados na internet com referências diretas ao conteúdo estudado.

Dentro do possível; no pouco tempo que tem, desenvolve algumas aulas práticas que trazem como resultado trabalhos artísticos que outrora serão expostos para comunidade escolar em eventos específicos.

Na escola Chiquinha Soares os trabalhos realizados com os alunos do 1º ano do ensino médio no ano de 2014, que de acordo com o CBC buscaram reconhecer e identificar os elementos de composição de obras de artes visuais e executadas releituras em placas de MDF de algumas obras que posteriormente

foram expostos na feira cultural. As artistas estudadas foram a pintora modernista Tarsila do Amaral e a pintora contemporânea Thaís Ibañez²⁰,

As Figuras 6, 7 e 8 são algumas destas releituras desenvolvidas pelos alunos, demais Figuras estão disponibilizadas no anexo 3.1.



Figura 6 – Releitura de obras de Thaís Ibañez

Fonte: arquivo pessoal do autor (2014)

²⁰THAÍS IBANEZ : artista plástica brasileira. Iniciou sua carreira como artista plástica aos 18 anos e logo lhe surgiu o interesse em retratar as riquezas culturais do seu país. Sua inspiração vem de: cerâmicas, esculturas, dança, música e outras manifestações culturais das mais diversas regiões brasileiras. Por conta da singularidade de seu trabalho, sua arte já estampou coleções de grifes de moda, merchandising e home. Regularmente suas obras ilustram livros de renomadas editoras brasileiras, devido à forma pessoal que ela tem de retratar a nossa cultura popular. Seu trabalho tornou-se fonte de estudo de professores e alunos em escolas das mais diversas regiões do país. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Tha%C3%ADs_Iba%C3%B1ez > acesso em 29/03/2016



Figura 7 – Releitura de obras de Tarsila do Amaral

Fonte: arquivo pessoal do autor (2014)



Figura 8 – Exposição dos trabalhos na feira cultural da escola Chiquinha soares

Fonte: arquivo pessoal do autor (2014)

Já na escola Darwin, da rede particular, algumas atividades práticas são voltadas para a “Literarte”, que, como o nome indica, correlaciona arte e literatura

em um projeto anual cultural do Colégio Darwin que integra alunos e professores do 6º ao 2º ano do ensino médio em um intenso trabalho de pesquisa e criatividade. O projeto visa a interação dos alunos no campo das artes e da cultura, cujas atividades artísticas poderão englobar os quatro eixos da Arte (música, dança, teatro e artes visuais), que de acordo com MODINGER,

As artes são um rico campo do saber que pode estabelecer relações com a vida, a história e a cultura dos povos, o cotidiano e suas conexões com as demais áreas do conhecimento. É fundamental, tanto para a compreensão de nossa trajetória no mundo da riqueza cultural acumulada – que temos o dever de preservar – quanto para a produção de novas manifestações culturais, que precisamos incentivar. MODINGER (2012, p.41)

Os temas a serem desenvolvidos transdisciplinarmente são escolhidos pela direção, supervisão e orientação pedagógica e a cada ano o tema modifica-se. O tema escolhido é dividido em tópicos, de acordo com o número de turmas, e o professor responsável pela turma escolherá o tópico a ser trabalhado e orientará os alunos durante a pesquisa e no desenvolvimento das atividades.

A culminância do projeto acontece em um evento previsto no calendário escolar onde são montados estandes para que se apresente à comunidade, através das produções artísticas visuais, parte do que foi ensinado. Em outro momento do evento os alunos fazem as apresentações do que lhes foi ensinado sobre o tema utilizando as mais variadas formas de arte, entre elas, teatro, stand up, vídeos, entre outros. A forma como serão apresentados, são definidas previamente pelos alunos e o professor responsável pela turma.

O tema trabalhado no ano de 2015 foi “O mundo dos quadrinhos”. A turma do 8º ano ficou sob a orientação do autor deste trabalho onde foram estudados: “A história dos quadrinhos; os elementos das HQs (texto; personagens; o uso dos balões de fala, pensamentos, ruídos; os recursos gráficos que dão vida e movimento às personagens; as metáforas – imagens que sugerem ideias de sentimentos); As tiras de humor; Caricatura; Charge; Cartum; História da fotografia, cinema e os desenhos animados.

O autor deste trabalho juntamente com a turma do 8º ano ficou com o tópico da “HQ da Luluzinha”. Pesquisas foram feitas sobre a criadora da personagem Luluzinha, como ela surgiu, os primeiros desenhos e a publicação das histórias em quadrinhos e que posteriormente foram transferidos para o audiovisual em forma de desenhos animados.

Na montagem do estande os alunos confeccionaram banners com imagens de Marjorie Henserdon Buell (criadora da personagem Luluzinha); cartazes falando um pouco sobre a personagem e sua criadora; confeccionaram imagens dos principais personagens da Turma da Luluzinha utilizando recicláveis, E.V.A e outros materiais.

Para a apresentação ao público no evento Literarte, a ideia era de se fazer um pequeno vídeo, cuja história seria criada, representada e filmada pelos alunos e com o auxílio do professor seria feita a edição. Porém, algumas mães não permitiram que seus filhos ficassem se reunindo fora da escola e a ideia do vídeo foi substituída pela apresentação da mesma história criada por eles em forma de teatro, o que não fez perder o brilho, o entusiasmo e o empenho dos alunos na execução das atividades. As Figuras 9, 10, 11 e 12 refletem alguns momentos deste trabalho e demais Figuras estão disponibilizadas no anexo 3.2.



Figura 9 – Banner da entrada do evento Literarte 2015

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 10 - Alunos e professores na montagem dos estandes para o Literarte

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 11 – Estande com produções dos alunos do 8º ano

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 12 – Noite de apresentação do Literarte

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D

Pode-se observar que, mesmo o professor que não tem uma formação específica, procura atuar da melhor forma possível, embora nem sempre saiba com clareza o que fazer.

No tocante à formação, IMBERNÓN (2001) nos afirma que:

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da pratica do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes. (IMBERNÓN,2001, p.48-49).

Neste sentido, cabe então ao professor de Arte assumindo seu papel de cidadão-educador, uma reflexão crítica sobre os processos adotados em sala de aula e a partir deles desenvolver junto a seus alunos atividades teórico-práticas que visem trabalhar o desenvolvimento da imaginação criadora, da sensibilidade e da capacidade estética de cada um deles.

Se um dos papéis da escola é oferecer o ensino de Artes Visuais em seu currículo; o do arte-educador que se percebe como sujeito ativo na transformação da

sociedade é buscar a transcendência em sua ação educativa. Portanto, carências de espaço e materiais, jamais poderão ser impasses para a realização de suas aulas no que diz respeito a propiciar experiências e vivências significativas que compõem o cerne principal de seu ensino/aprendizagem. Encontramos respaldo no CBC (2006) ao afirmar que:

É sabido que, dentre as áreas de conhecimento que contribuem para incitar o pensamento, a arte ocupa um lugar de destaque. Nela, o estudo-ação está sempre presente, pela própria obrigatoriedade da especulação constante, pois tanto o artista quanto o estudioso ou o fruidor lançam mão do pensamento para executar ou analisar a obra de arte. ... ensinar arte significa, portanto, possibilitar experiências e vivências significativas em apreciação, reflexão e elaboração. (CBC, 2006, p. 12, 13)

ELLIOT EISNER²¹, teórico e professor de arte e educação na Universidade de Stanford (Califórnia, EUA) com publicações no Brasil sobre a organização de Ana Mae Barbosa, sobre a ideia de Arte nos diz que “*arte tem conteúdo específico a oferecer, algo inerente às artes.*” (2008, p.80).

Neste sentido, percebemos que a disciplina de artes visuais tem a sua autonomia e, portanto, seu espaço. Seu interesse é pela própria arte, e o que mais dela for criado. Suas manifestações são inerentes ao homem, como EISNER (2008) nos diz: “*Existem quatro coisas principais que as pessoas fazem com a arte. Elas veem arte. Elas entendem o lugar da arte na cultura, através dos tempos. Elas fazem julgamentos sobre suas qualidades. Elas fazem arte.*” (ibidem 2008, p.84).

Apesar da ausência ou insuficiência de materiais que podem comprometer o alcance do trabalho pedagógico; o educador a partir de sua boa formação deverá

²¹Professor emérito da Stanford University, um dos mais importantes teóricos mundiais do campo da Arte e da Educação, morreu em 10 de janeiro de 2014, aos 80 anos, mas sua obra permanece viva e valiosa, tanto no meio universitário como nas redes escolares. Durante décadas, o pensamento e a larga experiência acadêmica de Elliot Eisner iluminaram estudos, pesquisas e práticas de alunos e de professores, contribuindo para garantir o espaço e o status das Artes no currículo escolar. Publicou 17 livros, dezenas de artigos, ministrou *workshops*, proferiu palestras e conferências mundo afora. Enfatizou o papel das Artes no desenvolvimento das habilidades de pensamento crítico e da inteligência estética, aprofundando aspectos relativos ao seu ensino, aprendizagem e avaliação qualitativa. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=72723>>. Acesso em 19/03/16

enxergar este fato não como um problema, mas sim como um desafio a ser superado.

Desse modo, ele poderá recorrer a todas as possibilidades artísticas que, de fato, podem ser exploradas a fim de levar o aluno a lançar um novo olhar para as aulas de Artes e além delas, deixando vir à tona todo o seu potencial criador.

Cabe então ao professor selecionar materiais e recursos que lhe estão disponíveis e até mesmo os que não estão inicialmente à disposição; a partir das finalidades educativas de seu projeto ou plano de ensino.

É bem verdade que não existem fórmulas prontas e os métodos e as estratégias metodológicas são caminhos, maneiras ou formas como o professor desenvolve suas aulas, e são escolhidos e desenvolvidos a partir da visão de mundo e da educação/formação que o mesmo possui.

Lucia Gouvêa Pimentel nos diz que

A formação d@²² educador@ em Arte precisa ser pensada a partir de algumas concepções pedagógicas comprometidas com a compreensão do fenômeno educativo em seus múltiplos aspectos (econômico, social, histórico, antropológico, filosófico, psicológico, político e ideológico) e de bases didático-metodológicas capazes de permitir que @ educador@ atue de modo competente na sua prática pedagógica. (PIMENTEL, 2009. p.26)

As propostas do PCN (1997) em consonância com o CBC-ARTE do Estado de Minas Gerais (2006) são direcionadas para a aprendizagem significativa de conhecimentos específicos em Arte. A complexidade dos conteúdos nas diversas modalidades artísticas uma vez aqui citadas: Artes Visuais, Música; Teatro e Dança que é demarcada como uma modalidade específica; apontam para a necessidade de professores especializados em cada linguagem; dado a amplitude do trabalho pedagógico que assim se apresenta, são questionadas as lacunas na própria formação acadêmica e a falta de especialização em áreas tão distintas.

Mas sobre a formação do professor de Arte não há definições claras, nem nos PCN, nem no CBC, nem na Lei de Diretrizes e Bases (1996) que em sua

²²A grafia @, neste trabalho, refere-se a masculino e feminino. (Nota da autora)

atualização de 2015, 11ª edição, encontra-se revogado o § 4º do art. 87 onde especificava que “Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço” (LDB 9394/96).

De acordo com Djalma Pacheco de Carvalho em seu artigo, “*A Nova Lei de Diretrizes e Bases e a Formação de Professores Para a Educação Básica*”²³, essa norma, está conforme as diretrizes do Banco Mundial, para quem a docência é uma questão de treinamento e não de formação inicial. A ênfase está no treinamento do professor, com o que se tem maior controle do processo educacional. Enfim, trata-se de uma política educacional que privilegia os meios (conteúdos teóricos e práticos, por exemplo) e não os fins da educação, que exigiram conforme os valores econômicos e financeiros dominantes de nossa sociedade.

Do ponto de vista de IAVELBERG:

Ao mesmo tempo que seus conhecimentos prévios merecem todo o respeito, o papel do professor só se completa no exercício de uma atividade constante de pesquisa, de estudo e de produção escrita, reflexiva de modo que ele possa avançar, garantindo um conteúdo substantivo e atualizado, em relação à cultura, à educação, para si e para aqueles a quem pretende educar, ampliando progressivamente seu círculo de experiência. (IAVELBERG, 2007. p. 54)

Ao que foi exposto, acrescentamos que como Arte-educador, o autor deste trabalho não possui habilitação específica. A linha do tempo e as produções artísticas na qual seu trabalho é voltado, já lhe provocaram muitas dúvidas, incertezas e inseguranças.

Como nos lembra Oliveira (1997),

Para Vygotsky, o processo de apropriação do conhecimento se dá nas relações reais do sujeito com o mundo. E aqui, encontra-se implícito dois

²³Djalma Pacheco de Carvalho é Professor Assistente Doutor, Departamento de Educação, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus de Bauru (e-mail: mslc@uol.com.br) – Nova... Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v5n2/a08v5n2>>acesso em 21/01/16

tipos de conceitos: o primeiro é o cotidiano e prático, desenvolvidos nas práticas do cotidiano e nas interações sociais; o segundo é o científico, adquiridos por meio de ensino, pelos processos deliberados de instrução escolar. (OLIVEIRA, 1997, p.61)

Como anteriormente salientado neste texto, o autor teve, ao longo dos anos, estudado, pesquisado e buscado capacitação constantemente para maior compreensão e ampliação dos conhecimentos em Arte, com o objetivo de desenvolver melhor o seu trabalho, principalmente com o Ensino Médio. No ano de 2006, especializou-se em Educação Artística e agora através deste Curso de Especialização em Artes Visuais – EBA da UFMG/UAB busca atingir a condição citada por IAVELBERG anteriormente. De acordo com ZABALA (1998, p.13): “um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício.”

Paulo Freire (2003) também nos adverte

[...] que não sejamos demasiado convictos de nossas certezas e que todo novo conhecimento pode superar o já existente, sendo necessário ao professor (a) sempre exercer o hábito da pesquisa (capacitação profissional e promoção social para evitar tornar-se obsoleto), para poder saber o que ainda não sabe e comunicar as novidades aos alunos [...] (FREIRE, 2003, p.29)

Quanto à precariedade na formação do professor, referida anteriormente, o autor deste trabalho pôde vivenciá-la no curso “Normal Superior” onde a disciplina “Arte e Cultura”, parte integrante da grade curricular, contava apenas com 80 (oitenta) horas/aula, somente em um único período do curso.

Em outro curso de especialização, através de uma pesquisa por ele desenvolvida, pôde-se observar e entrevistar outros colegas de profissão em Bom Despacho, sua cidade, e concluir que nenhum dos que estavam na ativa tinha habilitação em Arte.

A entrevista foi realizada no segundo semestre de 2006, no Curso de Especialização em Educação Artística. Foram entrevistados diretores, especialistas

professores e pais. Os participantes responderam um questionário²⁴, com o objetivo de validar os dados obtidos por ele sobre as aulas de Educação Artística nas escolas de ensino infantil e ensino fundamental I, a atuação do professor regente, sua formação e a articulação entre o saber e a prática.

Após a coleta e análise dos dados foi possível estabelecer o perfil dos participantes em relação à formação acadêmica dos mesmos, principalmente em relação à Arte. Também foi possível saber sobre as condições materiais nos quais o ensino da Arte ocorre nas escolas de Bom Despacho, a articulação entre os saberes docentes e sua prática, bem como; os saberes, de forma implícita, se sobrepõem aos outros em decorrência do status em que são elevados pelo poder que adquirem a partir da visão de alguns educadores diante da formação acadêmica. Os resultados serviram para confirmar que nenhum arte-educador bondespachense possuía habilitação em Arte.

Para esta Especialização em Artes Visuais pela UFMG, comparando os dados da pesquisa anterior com os dados coletados pela colega de curso, Sheyla Azevedo Assunção²⁵ que realizou entrevista em 09 (nove) escolas públicas e 02 (duas) particulares em Bom Despacho (MG), conclui-se que, passados nove anos entre uma entrevista e outra, quase nada mudou.

Tabela 2 – Formação dos Professores de Arte atuantes em Bom Despacho-MG.

Mostra de número de Professores de Arte atuantes em Bom Despacho - MG., levando em conta sua Formação Acadêmica – Atuação: Escolas Públicas ou Privadas			
Prof.	Formação Licenciatura Plena / Especialização	Nível de Atuação	Rede de Ensino
01	Pedagogia/Especialização	Fund. e Médio	Privada
02	Pedagogia/Especialização	Fund. e Médio	Privada
03	Pedagogia/Especialização	Fund. e Médio	Estadual
04	Pedagogia	Fund. e Médio	Estadual
05	Normal Superior / Especialização	Fund. e médio	Estadual
06	Letras/ Especialização	Fund. e Médio	Estadual
07	Pedagogia	Fund. e Médio	Estadual
08	Normal Superior	Fund. e Médio	Estadual

²⁴Anexos 2.1, 2.2 e 2.3 – Questionário de Pesquisa

²⁵Os dados coletados pela autora Sheyla Azevedo Assunção foram repassados através de conversa informal e não aparecem no corpo de seu trabalho intitulado “Grafitismo: possibilidades pedagógicas no ensino de artes visuais” (2015).

Prof.	Formação Licenciatura Plena / Especialização	Nível de Atuação	Rede de Ensino
09	Pedagogia	Fund. e Médio	Estadual
10	Pedagogia/Especialização	Fund. e Médio	Estadual
11	Pedagogia/Especialização	Fund. e Médio	Estadual

Fonte: Elaboração própria do autor

Como podemos observar quanto à formação, constata-se que nenhum dos arte-educadores em exercício em Bom Despacho, possui, ainda hoje, habilitação específica em Arte. Poucos têm especialização em Educação Artística e a grande maioria, a especialização abrange outras áreas do conhecimento.

Diante do exposto, uma prática muito recorrente e necessária para tais professores, sem habilitação específica, seja no campo das Artes ou em qualquer outra área do conhecimento, é trabalhar com o CAT, (Autorização para lecionar a título precário em escola estadual de educação básica); documento este expedido pelas SRE - Secretarias Regionais de Educação de Minas Gerais.

Para que o profissional adquira o seu CAT, o site do governo do Estado de Minas Gerais traz orientações especificando que:

O candidato que tenha curso superior, mas não é habilitado para lecionar a disciplina que pleiteia ou que esteja matriculado e frequente em curso superior e que pretenda ministrar aulas na educação básica deve solicitar autorização para lecionar a título precário à Superintendência Regional de Ensino (SRE) mais próxima da escola pretendida ou de sua residência. Serão autorizados a lecionar, os candidatos que atenderem às condições previstas nas legislações vigentes, quanto à escolaridade mínima exigida para o exercício de professor, cuja formação deve ser condizente com a necessária para lecionar o conteúdo pretendido.

O Certificado de Avaliação de Título (CAT) tem validade de um ano. De posse desse documento, o candidato poderá se inscrever para concorrer às designações ou comparecer pessoalmente nas escolas onde haja edital divulgado com abertura de vagas.²⁶

²⁶Especificações para aquisição do CAT constantes no endereço eletrônico do governo do estado de Minas Gerais <<https://www.mg.gov.br/governomg/unidade/5103,1261,29876,5794>> Acesso em: 03/10/15

Mesmo que as políticas públicas favoreçam o ingresso de profissionais da educação não habilitados ou que estejam buscando formação nas diversas áreas do conhecimento, e mais especificamente no campo da Arte, a prática docente só será legitimada por um profissional consciente e comprometido que visa colocar o ensino da Arte em pé de igualdade e importância com as demais áreas do conhecimento, como também, no currículo escolar.

Embora o ensino de Arte englobe artes visuais, música, dança e teatro, acredita-se que dificilmente as escolas contarão – a curto ou médio prazo – com professores especializados em cada uma das modalidades no ensino da Arte, pois, trata-se de um trabalho a longo prazo. O profissional de cada uma destas competências deve perceber-se como indivíduo capaz de aprender e resgatar perdas culturais de sua própria formação a fim de tornar-se mediador de cultura e promotor de aprendizagem.

E mesmo que se apresente um professor especializado para cada modalidade no ensino da Arte, cabe-nos argumentar que as propostas dos Parâmetros serão realizadas apenas na medida dos recursos humanos disponíveis. Assim, se o professor de Arte de uma dada escola for formado em Música, por exemplo, será esta a linguagem artística contemplada no currículo. Outra variante desta situação, que já começa a ter lugar em estabelecimentos particulares, é a escola escolher a(s) modalidade(s) artística(s) que considera mais conveniente(s) para os seus interesses, contratando um professor com formação adequada para tal.

Ou ainda - e pior - as propostas dos PCN poderão servir como base para planejamentos e relatórios que ficarão apenas no papel, sem mudanças efetivas na prática educativa em sala de aula, conforme nos colocou Maura Penna²⁷ em seu artigo intitulado PCN nas escolas: e agora?

A pretensão de um único professor realizando as propostas dos PCN-Arte em todas as linguagens artísticas contradiz a amplitude e profundidade das propostas específicas, atualizando a polivalência e conduzindo, inevitavelmente, a um esvaziamento de conteúdos. (PENA, 2012)

27 Professora do Departamento de Artes da UFPB Coordenadora do Grupo Integrado de Pesquisa em Ensino das Artes. Mestre em Ciências Sociais pela UFPB. (Artigo: PCN nas escolas: e agora? Publicado no Boletim Arte na Escola, em 03/12/2012) disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69319> > acesso em 22/01/16.

2.1 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) - PARTICIPAÇÃO E ELABORAÇÃO: COMPROMISSO COM A PRÁTICA EDUCATIVA

Para Veiga (2003, p. 271) “O projeto político-pedagógico é visto como um documento programático que reúne as principais ideias, fundamentos, orientações curriculares e organizacionais de uma instituição educativa ou de um curso.”

O PPP é definido por Silva (2003) como sendo:

Um documento que pressupõe relações de interdependência e reciprocidade entre dois polos, elaborado coletivamente pelos sujeitos da escola e que aglutina os pensamentos políticos e filosóficos em que a comunidade acredita e os quais deseja praticar; que define os valores humanitários, princípios e comportamentos que a espécie humana concebe como adequados para a convivência humana; que sinaliza os indicadores de uma boa formação e que qualifica as funções sociais e históricas que são de responsabilidade da escola (SILVA, 2003, p. 296).

Seguindo princípios de flexibilidade e autonomia, a LDB delega aos estabelecimentos de ensino a “incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica” (LDB 9394/96, art.12, § I), que é reafirmado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (Resolução nº 2/98 CNE – art. 3º, § IV – b), que tem incluído a Arte em caráter obrigatório.

IALVELBERG nos diz que:

Conforme indica a LDB 9394 (1996) o professor deve participar do projeto educativo da escola ou rede ou do desenho curricular. Compreender as questões legais e administrativas que envolvem o exercício da profissão também é atribuição do educador, a fim de que ela possa decidir sobre o funcionamento de sua instituição, criticá-lo e colaborar com ele. (IALVELBERG. 2007, p.56)

Desta forma, torna-se necessário que o professor além de participar da elaboração do PPP deve ter claro os princípios éticos, morais, sociais, que norteiam a pauta educativa da instituição; pelos quais conduzirá sua prática.

É indispensável que a escola favoreça a Arte-educação. E segundo Rosa IAVELBERG, “Privar o aluno em formação desse conhecimento é negar-lhe o que lhe é de direito”. (ibidem. 2007, p.9).

Infelizmente, por comodidade ou por negligência, muitos professores não se preocupam em iniciar um trabalho voltado a sua formação profissional no que se refere à Arte-educação. Talvez seja esta uma das razões que levam a disciplina e o professor de Arte a serem tão criticados e desvalorizados por suas atividades cuja finalidade, no entender de muitos, é meramente decorativa.

Aproveitamos o momento para citar novamente Lúcia Gouvêa Pimentel que nos ensina:

Nossas escolhas no campo da arte, seu ensino, sua aprendizagem, sua pesquisa e sua ação são fatores determinantes para que determinemos os rumos do que pretendemos seja o ensino da Arte neste início de século. Somos fruto do que vivemos no presente, mas também de toda a herança do passado. Vamos, portanto, influenciar em nossos sucessores, quer seja por imobilismo, quer seja por ousadia e compromisso com mudanças. (PIMENTEL, 2009, p.35)

Neste sentido, destacamos que uma das competências profissionais do professor de Arte é conhecer e utilizar abordagens metodológicas que contemplem a complexidade da Arte e seu ensino. De acordo com EFLAND,

A Arte é educacionalmente importante porque equipa indivíduos com relevantes ferramentas para desenhar seu mundo. As ferramentas ou estratégias cognitivas envolvidas nesse processo de aprendizagem incluem a imaginação como uma função esquematizadora e suas extensões pelas projeções metafóricas. A metáfora, em particular, constrói ligações que nos permitem entender e estruturar o conhecimento em diferentes domínios, para estabelecer conexões entre coisas aparentemente não relacionadas. As disciplinas que permitem jogar com esses aspectos da cognição deveriam constituir o cerne do currículo, em que podem se tornar bases para a compreensão e o entendimento. (EFLAND, in BARBOSA, 2005: 343)

Concluindo este capítulo, aproveita-se o momento para citar SCHLICHTA ao explicitar que

...ao artista cabe *inventar*, enquanto ao educador cabe *ensinar*; ou seja, contrariando a ideia de que fazer arte é uma atividade irracional e *misteriosamente* inspirada, a tarefa do educador em arte é abordar, de modo contínuo e sistemático, o conhecimento teórico-prático necessário a compreensão das representações artísticas. Essa é, sem dúvida, a especificidade o trabalho do educador; porém não basta. Simultaneamente à elucidação do objeto de estudo deve-se concluir no horizonte das preocupações uma pesquisa sobre os saberes artístico-culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos.

Na verdade extrair do próprio objeto de estudo os saberes fundamentais ao aluno, para que ele supere a visão redutora da Arte a puro entretenimento objeto de consumo e expressões de emoções superficiais, pois, como se pretendeu problematizar, isso não corresponde à sua verdadeira finalidade que é possibilitar ao homem expressar-se, afirmar-se; humanizar-se. Aliás, uma Arte que se limite a embelezar a superfície da realidade pode ser consumida em altas doses, sem saciar nossa fome de humanidade. (SCHLICHTA, 2009.p.36)

Diante do exposto, situa-se o arte-educador em um espaço de mediação entre o conhecimento e a aprendizagem, acreditando que sua tarefa deverá ser a de implantar uma prática pedagógica compromissada com o educando, respeitando-o enquanto ser social e político, lhe favorecendo o desenvolvimento da imaginação e das habilidades criadoras que comungam com e para além da Arte-educação.

3. O PAPEL DO ARTE-EDUCADOR E SUA PRÁTICA EDUCATIVA NUMA PERSPECTIVA TRANSFORMADORA DO CONHECIMENTO

Conforme explicitado no Capítulo 1 deste trabalho, por determinação da LDB 9394/96 a Arte é uma disciplina obrigatória na escola. Embora o ensino da Arte muitas vezes tenha sido ministrado por professores não habilitados; vivenciando uma prática implicada em desafios como a falta de material didático/pedagógico e de um espaço próprio nas escolas; compreendemos que

O professor na sala de aula deve ser primeiramente um observador de questões como, o que os alunos esperam das aulas de arte, que conhecimentos eles têm de Arte, quais alunos são mais interessados e quais são menos, quais gostam de trabalhar sozinhos e quais preferem o trabalho em grupo e assim por diante. A partir da observação constante e sistemática desse conjunto de variáveis e tendências de uma classe, o professor pode tornar-se um criador de situações de aprendizagem (PCN, 1997. p.98/99)

O melhor estímulo direto para inserir o educando nas atividades artísticas é ampliar suas experiências e vivências. A própria educação possui uma dimensão estética, por meio da qual o educador deve levar o educando a criar os sentidos e valores que fundamentam sua ação no ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia entre o sentir, o pensar e agir, entre o sentir e atuar; nesse sentido o professor estimula, organiza e acolhe, enfim, educa.

Conceber a aprendizagem sem um fundamento histórico é inviável, porque se precisa das formas, lugares e tempos que evidenciam a realidade buscada através da cognição da Arte.

Para que haja aprendizagem significativa do conhecimento dos elementos culturais, plásticos e da linguagem visual das Artes é preciso haver uma relação dialógica entre o arte-educador e o educando. Este, por sua vez, envolvido no processo, deve identificar todos os elementos relacionados ao ato de educar com o seu cotidiano, lançando um olhar crítico sobre o que foi produzido, e os objetos artísticos que estão a sua volta.

Conforme Pimentel nos afirma: “*Não podemos nos esquecer que, para que possamos pensar artisticamente, é necessário que tenhamos pensamento crítico, isto é, que saibamos analisar o que nos é apresentado e nos posicionar frente a isso*”. (PIMENTEL, 2003, p. 114).

Neste sentido, o professor deve ser consciente de que nem toda atividade planejada, necessariamente tornar-se-á aprendizagem. No entanto, é tarefa sua intermediar o processo da aprendizagem orientando, conduzindo à reflexão sobre as implicações pedagógicas das novas informações e a integração destas com o currículo escolar e o Projeto Político-Pedagógico.

Compactuando com FREIRE (1998)

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que as conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém[...] (Freire, 1998, p.25)

Sabemos que “a Arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos: entretanto, não é isso que justifica sua inserção no currículo escolar, mas seu valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos.” (IAVELBERG, 2003, p. 09)

O profissional que possui esse entendimento, certamente não irá traçar riscos sem lógica e dizer que é Arte Moderna, mas sim; mostrar ao educando o objeto, despertando o seu interesse em como foi formado, quando, quem fez e o porquê de sua existência.

De acordo com o PCN (1997):

Cabe ressaltar que as relações de ensino aprendizagem de Arte não acontecem no vazio, mas sempre se ligam a determinado espaço cultural, tempo histórico e as condições particulares que envolvem aspectos sociais, ambientais, econômicos, culturais, etários. (PCN, 1997, p.49)

Assim, o professor ao exercer sua prática pode intervir pedagogicamente com o objetivo de gerar avanços conceituais e, por isso, ressalta-se a importância de que o arte-educador também produza arte, criando o seu próprio discurso plástico. O

educando é sensível e percebe a reação do educador por suas conquistas ou o desinteresse, bem como sente o fascínio do professor ao ministrar os conteúdos.

Como diz MARQUES (1999),

Busca-se hoje a educação baseada na interlocução dos sujeitos, para a construção do conhecimento que expressa a realidade cotidiana, pessoal e coletiva, em interação com saberes prévios. Professores e alunos trocam, depoimentos sobre suas atividades e experiências, com o intuito de fornecer novos significados aos saberes. [...] A construção do saber pedagógico deve-se dar pela troca de experiências de vida, constituindo ações em parceria e formando professores-pesquisadores da prática, que busquem dar unidade aos saberes fragmentados e fundar uma comunidade científica. (MARQUES, 1999, p.15)

Fórmulas ou receitas prontas para o ensino das Artes não existem, assim como a existência de material didático não é garantia de sucesso na aquisição dos conhecimentos por parte dos alunos. Neste contexto, o papel do professor; a forma como administra os conteúdos e como conduz seu alunado nas veredas da Arte-educação é que determinará num primeiro momento dentro das escolas a valorização da Arte enquanto disciplina, bem como o do profissional que sobre ela atua.

Parafraseando Paulo Freire (1982), o educador deve se permitir em sonhar o sonho possível, visando à história cultural, social e individual, pensando a prática diariamente dentro dos limites de hoje, ontem e de amanhã, uma prática dialética, dinâmica, buscando os espaços livres que devem ser preenchidos, anunciando e denunciando as discriminações existentes em nosso país e no mundo. Ele afirma que:

“Os profetas são aqueles e aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história de seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam.” (FREIRE in GADOTTI. 2000, p. 29)

Com vistas às constantes transformações que se operam em nossa sociedade como um todo e na qual o conhecimento está inserido, a formação do arte-educador também está sujeita às metamorfoses do processo ensino aprendizagem, dado que o viés do saber não é estanque. Torna-se, portanto, necessário que este profissional busque oportunidades de formação permanente capaz de assegurar-lhe práticas coerentes com os princípios que visam transformar o sistema educativo bem como os desafios que dela decorrem; refletindo na e sobre sua prática pedagógica continuamente.

Segundo Philippe Perrenoud (1999)

A noção de competência refere-se à capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação. Essa definição insiste em quatro aspectos: as competências não são elas mesmas saberes, mas mobilizam, integram e orquestram tais recursos, essa mobilização só é pertinente em uma situação singular, o exercício da competência passa por esquemas de pensamento, as competências constroem-se, em formação, mas também ao sabor da navegação diária de um professor". (PERRENOUD, 1999, pg. 15)

Desta forma, concluímos que o Arte Educador deverá sempre estar em busca de uma contínua capacitação profissional, estudando metodologias existentes, examinando-as e ressignificando sua práxis para que alcance junto aos alunos uma educação de qualidade tão necessária à nova sociedade que se apresenta neste século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tecer as considerações finais reporta-se ao início deste trabalho considerando os questionamentos aqui apresentados em relação à importância da formação do arte-educador necessária ao ensino aprendizagem da Arte; bem como sua valorização enquanto disciplina.

O autor acredita que a partir das pesquisas aos referenciais teóricos e aqui demonstradas em parte ao longo deste trabalho, que a profissionalização do arte-educador se efetivará pela formação, participação e experiência. *Formação* que se dará ao longo da vida, já que o conhecimento sendo algo inacabado se desenvolve num processo contínuo. *Participação* que lhe constituirá sujeito de sua própria ação educativa e que se contemplará na relação dialógica educador/educando, construída ao longo de sua prática.

Partilhando da opinião de FREIRE (1996)

“(...) é preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir o conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção e a sua construção. (Freire, 1996, p. 22)

Neste sentido, Lúcia Gouvêa Pimentel nos diz que “o professor de Arte, em qualquer nível de ensino, deve ser, primeiramente, pessoa inserida no contexto artístico como forma de viver. É essencial que a experiência estética seja um componente importante em sua vida cotidiana” (PIMENTEL, 2008, p.25). E no desenvolvimento de suas considerações ela afirma que:

A formação do educador em Arte precisa ser pensada a partir de algumas concepções pedagógicas comprometidas com o fenômeno educativo em seus múltiplos aspectos (econômico, social, histórico, antropológico, político e ideológico) e de bases didático-metodológicas capazes de permitir que o educador atue de modo competente na sua prática. (ibidem, 2008, p. 26)

Quanto à *experiência*, concorda-se com TARDIF (2007), segundo o qual o professor traz consigo “as marcas de sua própria identidade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional” (2007, p. 56-57).

Para PEREIRA (2011)

Não podemos dissociar a singularidade da pessoa do educador, sua história de vida e sua atuação profissional. São fios que tecem uma totalidade. Sua formação profissional, os rituais acadêmicos vividos, suas transformações pessoais, a aquisição de novos saberes irão enriquecendo a trama deste tecido que se constrói ao longo de sua vida (PEREIRA, 2011, p. 126).

Na contemporaneidade que o ensino da Arte requer não se pode esquecer que as políticas públicas impetradas têm buscado valorizar o ensino da Arte-educação como se contempla na Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96, a obrigatoriedade da Arte como disciplina.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN constituem a educação em Arte uma forma de propiciar o desenvolvimento do pensamento artístico, além de proporcionar, a muitos indivíduos, uma relação afetiva com o meio em que vivem. Os PCN também apresentam a Arte como uma das possibilidades de valorização do ser humano através de suas diferentes formas de manifestação. No entanto, o que percebemos é que a prática muitas vezes não condiz com a realidade, distanciando-se dos textos oficiais.

Imbuído deste espírito de ressignificação da Arte; é papel do professor tornar-se um agente que irá quebrar os paradigmas de que “nas escolas a Arte ocupa lugar de atividade, lazer ou relaxamento, sendo ignorada como área do conhecimento”, como nos explicita JULIANA GOUTHIER (2009, p.19)²⁸.

De acordo com os PCN-Arte (1998), o ensino e a aprendizagem dos conteúdos de Arte devem proporcionar ao aluno conhecimentos através dos quais ele possa situar a sua própria produção, contribuindo para a sua formação artística e

²⁸Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, 2009. v. 1

estética, “por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar” (1998, p. 49).

Neste sentido, o arte-educador deverá entender e estimular o ensino da Arte, para tornar a escola um espaço vivo, produtor de conhecimento novo, revelador, que aponta para a transformação sob uma visão estética de mundo, numa educação estética.

Como foi tratado no Capítulo 2 deste trabalho, o autor concorda com FUSARI e FERRAZ (2001), quando dizem que os nossos alunos têm o direito de poder contar com professores competentes e que possuam domínio sobre os conteúdos a serem ministrados e que, de preferência, vinculem a Arte à sua vida pessoal:

[...] o professor de arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade. O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte (FUSARI E FERRAZ, 2001. p.53).

Não se pretende aqui esgotar o assunto discorrido; pois, sabendo-se tratar de um universo amplo e complexo, ultrapassa os limites desta investigação. Acredita-se, porém, que o conhecimento do autor foi ampliado significativamente através dos aportes teóricos que fundamentaram o presente trabalho. Desta forma, sua atuação como arte-educador a partir deles, estará ricamente acrescentada de possibilidades, pretendendo-se a criação de novas práticas na Arte e na vida.

Com este trabalho, considera-se ter contribuído para a reflexão de um ensino de Arte que pretende um maior alcance educacional, ampliando efetivamente o universo de experiências artísticas e estéticas dos educandos e que sendo estas novas práticas alicerçadas numa proposta pedagógica criadora; possam dar à Arte a importância considerável que ela merece junto às demais disciplinas ministradas no contexto educacional e para além deste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUNÇÃO, Sheyla Azevedo. **Grafitismo: Possibilidades Pedagógicas no Ensino de Artes Visuais**. Belo Horizonte, Escola de Belas Artes da UFMG, 2015.
- BARBOSA, A. M. (org.). **Arte/Educação Contemporânea**. Consonâncias Internacionais. São Paulo, Brasil: Cortez, 2005.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: Anos 80 e novos tempos**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- BARBOSA, A. M. **Arte-Educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1984.
- BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez. 2007.
- BOZZANO, Hugo Luiz Barbosa; TATIANE, Perla Frenda; GUSMÃO, Cristina. **Arte em Interação**. Editora IBEP . 1º edição , 2013.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEEFF, 1997. 130p. Vol.6.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC / SEF, 1998. 116p. Vol.6.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CORRÊA, Ayrton Dutra. **O ensino das artes visuais: uma abordagem simbólico cultural / Ana Luiza Ruschel Nunes (orgs.)**. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2006.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- FREIRE, P. **Educação: o sonho possível**. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. O educador: vida e morte. RJ: Graal, 1982.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (1996,1998). (Coleção Leitura).

FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. 5 ed. São Paulo: Peirópolis, 2000

GODOY, Arilda S., **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, In revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, Mar /Abr. 1995.

GOUTHIER, Juliana; PIMENTEL, Lúcia Gouvêa; VENEROSO, Maria do Carmo Freitas; SANTANA, Sâmara; FRONER, Yacy-Ara.(org.). **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**. 2 ed. - Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008 , vol. 1.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte – Sala de aula e formação de professores**. PNBEM/2008 (Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio). Artmed Editora S.A, 2003. Reimpressão 2007

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

LOYOLA, Geraldo. **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – Abordagens Sobre O Material Didático No Ensino De Artes Visuais - Vol.4**. Belo Horizonte: Escola de belas Artes da UFMG, 2009

MARQUES, M.O. **A escola no computador: Linguagens rearticuladas, educação outra**. Ijuí: Unijui, 1999.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Proposta Curricular. CBC-Arte**. Ensinos Fundamental e Médio. 2006.

Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia de Livros Didáticos**, PNLD 2015.

MODINGER, Carlos Roberto; VALLE, Flávia Pilla do; HUMMES, Júlia Maria; et al. **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Erechim: Edelbra, 2012.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

NÓVOA, A. **Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa**. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papyrus, 1995. p. 29-41

OLIVEIRA, Marta K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento; um processo sócio- histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PEREIRA, Lucia Helena Pena. **Bioexpressão: corpo, movimento e ludicidade: unindo fios, tecendo relações e propondo possibilidades.** Curitiba: CRV, 2011.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Editora Artmed: Porto Alegre, 1999.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa; GOUTHIER, Juliana; VENEROSO, Maria do Carmo Freitas Sâmara Santana; FRONER, Yacy-Ara. **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais.** 2 ed. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, vol.1, p.26.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa, **Tecnologias Contemporâneas e o Ensino da Arte.** IN: BARBOSA, Ana Mae. (org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte.* São Paulo: Cortez, 2003.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa, CUNHA, Evandro J. Lemos; MOURA, José Adolfo. **Proposta Curricular – Arte para o ensino fundamental.** MINAS GERAIS: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2006.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. (org.). **Som, gesto, forma e cor: dimensões da arte e seu ensino.** Belo Horizonte: C/ARTE, 1995.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – Metodologias do Ensino de Artes Visuais - Vol.1,** Belo Horizonte: Escola de belas Artes da UFMG, 2009

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Formação de Professor@s: ensino de arte e tecnologias contemporâneas.** In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). *Arte, educação e cultura.* Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

SCHLICHTA, Consuelo. **Arte e educação: há um lugar para a arte no ensino médio?** Curitiba. Ed. Aymará, 2009.

SILVA, M. A. **Do Projeto político do Banco Mundial ao Projeto Político-pedagógico da escola pública brasileira.** Cad. Cedes, Campinas, v.3, n. 61, p.283-301, dezembro, 2003.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TOURINHO, I. **Transformações no ensino da arte: algumas questões para uma reflexão conjunta.** In: BARBOSA, A. M. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino de arte.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 27-47.

UTUARI, Solange; LIBÂNEO, Daniela; FERRAR, Fábio Sardo Pascoal. **Por Toda Parte.** Editora FTD. 1ª edição, 2013.

VARELA, N. de A. **A formação do Arte-Educador no Brasil.** In: BARBOSA, A. M. (Org.). *História da Arte-Educação.* São Paulo: Max Limonad, 1986.

VEIGA, I. P. A. **Inovações e Projeto Político-pedagógico**: uma relação regulatória ou emancipatória? Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dezembro 2003.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.p. 142-144.

ZIBETTI, M. L. T.; SOUZA, M. P. R. **Apropriação e mobilização de saberes na prática pedagógica**: contribuição para a formação de professores. Educação e Pesquisa, v. 33, n. 2. p. 247-262, maio/ago. 2007.

DOCUMENTO ELETRÔNICO

AGUIAR, José. BAUKAT, Fernanda. **Arte e você**. Projeto Eco Artes. Positivo, 2011 Disponível em: <<http://www.editorapositivo.com.br/editora-positivo/livros-didaticos/projeto-eco/projeto-eco-ensino-fundamental/projeto-eco-artes.html>> acesso em 18 jan. 2016

ARAÚJO, Fabiana Macedo. **Valorização da arte no âmbito escolar**. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/52570/valorizacao-da-arte-no-ambito-escolar#ixzz3xUpaUy91>>acesso em 16 jan. 2016

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 11 ed. 2015. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes/paginas-individuais-dos-livros/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional>> acesso em 03 out. 2015

BRASIL. MEC. Câmara De Educação Básica Do Conselho Nacional De Educação. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0298.pdf> acesso em 03 out. 2015

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm> acesso em 17 jan. 2016.

CARVALHO, Djalma Pacheco de. **A Nova Lei de Diretrizes e Bases e a Formação de Professores para a Educação Básica**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v5n2/a08v5n2>> acesso em 21 jan. 16

CASAGRANDE, Cristiane Marangone Ferdinando. **Pesquisa no próprio quintal.** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/pesquisa-proprio-quintal-423211.shtml>> acesso em 19 jan. 16

DARWIN, Face book do Colégio Darwin B.D. il. Color. Disponível em: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.749589791762444.1073741829.734884533232970&type=3>> acesso em 29 mar. 2016

EISNER, Elliot. **Devolvendo arte a arte-educação.** In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte-educação: leitura no subsolo. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2008. Disponível em <<https://www.ufpe.br/ppgdh/images/documentos/anamb5.pdf>> acesso em 22 jan. 2016

GOVERNO DE MINAS GERAIS. **Autorização para lecionar a título precário em escola estadual de educação básica (CAT).** Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/governomg/unidade/5103,1261,29876,5794>> acesso em 03 out. 2015

HADDAD, Denise Akel. MORBIN, Dulce Gonçalves. **A arte de fazer arte.** 4 ed. Saraiva, 2013. Disponível em: <<http://www.editorasaraiva.com.br/produtos/show/isbn:9788502210554/titulo:a-arte-de-fazer-arte-9-ano/>> acesso em 18 jan. 2016

IBAÑEZ, Thaís. Wiki–Wikipédia, a enciclopédia livre - Online. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Thaís_Ibañez> acesso em 29 mar. 2016

KRAUSZ, Mônica. **Onde as disciplinas se encontram.** Revista Educação. Set. 2011. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/132/artigo234363-1.asp>> Acesso em 09 jan. 2016

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Proposta Curricular. CBC-Arte. Ensinos Fundamental e Médio. 2006. Disponível em <<http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema>> acesso em 03 out. 2015

PENA, Maura. **PCN nas escolas: e agora?** – Instituto Arte da Escola. Disponível em <www.artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69319> acesso em 22 jan.16

SILVA, Everson Melquiades Araújo. **O que dizem os artigos publicados em periódicos brasileiros sobre a formação de professores para o ensino de arte?**
Disponível em:

< http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicacoes/everson_melquiades_araujo_silva.pdf

> acesso em 18 jan. 2016

ANEXOS

1. PLANO DE AULA –

PERSPECTIVA (duração: 3 aulas) – Público alvo: 9º ano do ensino fundamental

Eixo temático: Conhecimento e Expressão em artes Visuais

Tema: Expressão em Artes Visuais

Subtema: Elaboração de obras em artes visuais

Tópico: Elaboração de obras tridimensionais

Objetivos:

- Saber expressar-se através de obras artísticas bidimensionais
- Saber expressar-se através de obras artísticas tridimensionais
- Reconhecer os elementos de composição das obras de artes visuais
- Ser capaz de identificar e conceituar os termos específicos das artes visuais

Materiais para a realização da atividade:

- Imagens de obras de arte de vários artistas e períodos da história da arte;
- Data show
- Notebook
- Caderno de desenho como suporte
- Lápis, borracha e régua
- Quadro e giz colorido

Desenvolvimento:

- Questionar e conversar com os educandos sobre perspectiva, o que é , para que ela serve, entre outros;
- Definir de forma oral o que é perspectiva e apresentar imagens selecionadas sobre o desenvolvimento e o uso da perspectiva ao longo da história da arte;
- Apresentar de forma escrita ou xerocada as definições da perspectiva:

✓ **Definições da perspectiva:**

Antes do séc. XV, os artistas desenhavam intuitivamente, espontaneamente, até que foram buscar bases na geometria científica e sistematizaram o estudo da perspectiva, tornando possíveis imagens em três dimensões, que aumentavam a proximidade da figura ou objeto ou mesmo a distância, a profundidade dos mesmos.

O conhecimento sobre perspectiva de observação, também denominada de cônica ou linear, é indispensável para quem pretende desenhar corretamente a aparência de volume dos objetos, profundidade e espaço de ambientes ou paisagens e todo tipo de esquemas gráficos que busquem reproduzir as características tridimensionais da realidade.

Um dos recursos mais ilusórios da arte é a perspectiva – sensação de profundidade e ocupação espacial, causada pela projeção de tridimensionalidade num suporte bidimensional. É um recurso que engana o olhar porque propõe as formas em linhas imaginárias que se encontram em um ponto.

A perspectiva dá ao objeto a ideia de dimensão, a sensação de distância; sugere sensação de espaço. Portanto, perspectiva é a arte de representar em uma superfície, geralmente plana, os objetos em relevo, bem como enganar o olhar do observador com uma profundidade ilusória.

Para representarmos a perspectiva, fazemos uso de alguns elementos básicos: linha do horizonte (LH), o ponto de fuga (PF), as linhas convergentes e o ponto de vista (PV).

Linha do horizonte (LH): É o elemento da construção em perspectiva que representa o nível dos olhos do observador. Numa paisagem é a linha do horizonte que separa o céu e a Terra ou o céu e o mar. Vista ao longe, ela está na base das montanhas e risca horizontalmente o nível do mar;

Ponto de fuga (PF): É o ponto localizado na linha do horizonte, para onde todas as linhas e planos se direcionam, quando vistas em perspectiva (PF). Em alguns tipos de perspectiva são necessários dois ou mais pontos de fuga.

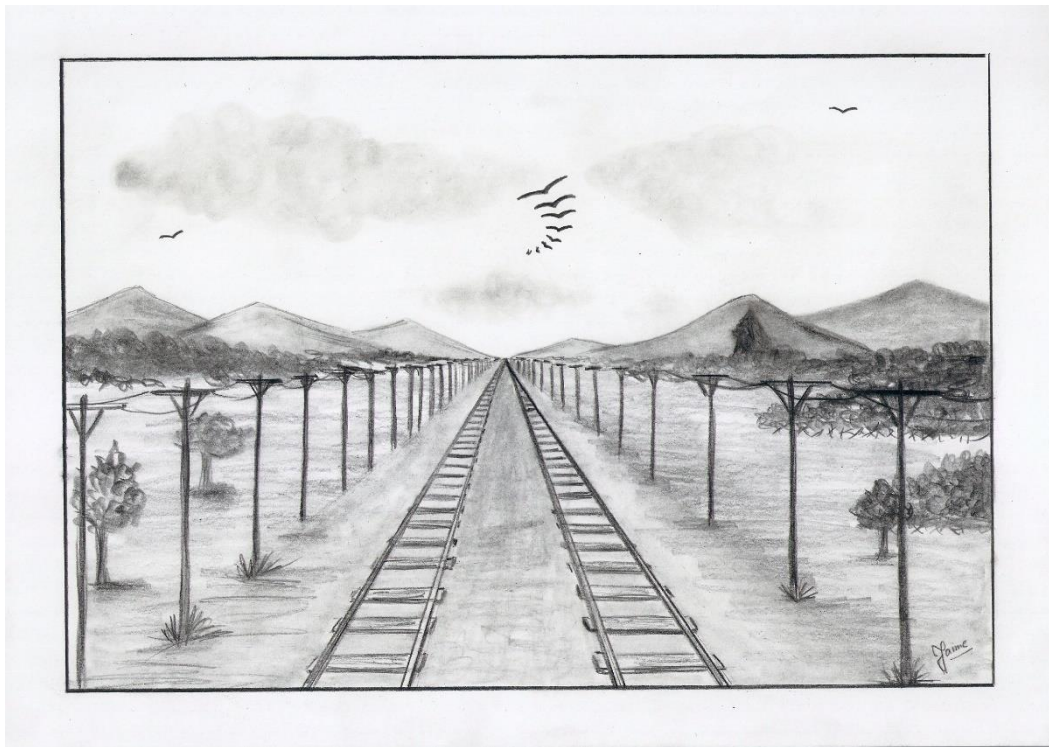
Linhas convergentes: são as linhas imaginárias que se direcionam a um mesmo ponto. O efeito visual das linhas convergentes fará com que as formas e objetos que estão mais próximos do ponto se apresentem menores do que as que estão em planos anteriores. É o afunilamento dessas linhas em direção ao ponto que geram a sensação visual de profundidade das faces em escorço dos objetos em perspectiva.

Ponto de vista (PV): Ponto de vista: Na representação gráfica da perspectiva é comum o ponto de vista ser identificado por uma linha vertical

perpendicular à linha do horizonte (PV). O ponto de vista revela-se exatamente no cruzamento dessas duas linhas. Dependendo do ângulo visual de observação do motivo, a linha vertical que localiza o ponto de vista pode situar-se centralizada na cena compositiva ou num de seus lados, esquerdo ou direito.

O uso dos elementos da perspectiva, em conjunto, permite a elaboração de esquemas gráficos necessários para desenhar objetos contextualizado sem ambientes ou paisagens sem distorção estrutural.

- Convidar os alunos para desenhar passo a passo uma paisagem em perspectiva.



Fonte: elaborado pelo professor Jaime

- Convidá-los a produzir seu próprio trabalho utilizando a técnica da perspectiva.
- Preparar uma exposição dos trabalhos.

Nas aulas seguintes trabalhar com os alunos a composição dos planos; composição por justaposição e sobreposição;

2. QUESTIONÁRIOS PARA PESQUISA / ENTREVISTA

2.1 PESQUISA COM DIRETORES E ESPECIALISTAS

NOME:

CARGO:

ESCOLA:

Seguindo princípios da flexibilidade e autonomia, a LDB delega aos estabelecimentos de ensino a incumbência de “elaborar e executar sua Proposta Pedagógica” (lei - 9394/96, Art. 12), o que é reafirmado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (resolução no 2/98 –CNE).

1. Qual o grau de escolaridade oferecido por esta instituição de ensino?
2. Como é elaborada a Proposta Pedagógica desta instituição de ensino?
3. A disciplina “Educação Artística” também se encontra incluída no currículo escolar desta escola juntamente com as outras disciplinas?
4. O que levou a escola a incluir ou não incluir a Educação Artística no currículo?
5. Você acredita que a Ed. Artística pode ajudar no desenvolvimento infantil? De que maneira?
6. Em que séries são ministradas as aulas de Ed. Artística?
7. Quantas aulas de Ed. Artística são ministradas por semana em cada turma e qual o tempo dispensado para estas aulas?
8. Sua escola possui um profissional exclusivo para ministrar as aulas de Ed. Artística?
9. Como são ministradas as aulas de Ed. Artística?
10. Qual o perfil e a formação profissional do responsável pelas aulas de Ed. Artística em sua escola?
11. Sua escola possui um local específico para o desenvolvimento da disciplina em questão?
12. Qual ou quais são as formas de avaliação desta disciplina?
13. Qual é o aproveitamento dos alunos e o resultado alcançado perante esta disciplina?

14. O que você acredita que poderia ser feito para que as aulas de Educação Artística possam ser melhor aproveitadas e valorizadas pelos alunos e pela escola?

2.2 PESQUISA COM O PROFESSOR REGENTE

NOME:

CARGO:

ESCOLA:

1. Qual é a sua formação profissional?
2. Você participa (ou) da elaboração da “Proposta Pedagógica” desta escola?
3. Como é elaborada a Proposta Pedagógica desta escola?
4. A disciplina Educação Artística faz parte do currículo escolar deste estabelecimento?
5. Esta escola possui local apropriado para o desenvolvimento das aulas em questão?
6. Como são ministradas as aulas de Educação Artística e quais os objetivos gerais a serem alcançados junto aos alunos?
7. Qual o aproveitamento dos alunos e o resultado alcançado perante a disciplina Ed. Artística?
8. Qual é a forma de avaliação adotada pelo profissional regente das aulas de Ed. Artística?
9. Hoje em dia, é muito comum o professor regente dar trabalhos semi-prontos (mimeografados – xerocados) para que os alunos os possam terminar. Qual o seu parecer diante desta prática?
10. O que você enquanto profissional acredita que possa ser feito para que as aulas de Educação Artística possam ser melhor aproveitadas pelos alunos e pela escola?

2.3 PESQUISA COM OS PAIS

NOME:

PROFISSÃO:

NOME DO(A) FILHO(A):

SÉRIE: IDADE:

ESCOLA:

1. Você conhece a Proposta Pedagógica da escola em que seu (sua) filho(a) está matriculado (a) ?
2. Você participa(ou) da elaboração da Proposta Pedagógica da escola?
3. Seu (sua) filho(a) gosta de artes (pintar, desenhar, colorir, etc.)?
4. Na escola de seu filho são ministradas aulas de educação artística?
5. Qual é o profissional responsável por reger as aulas de Artes/ Educação Artística para seu filho?
6. Você tem conhecimento dos métodos utilizados pela professora para ministrar as aulas de ed. Artística para seu filho? Cite alguns deles.
7. Hoje em dia, é muito comum o professor regente dar trabalhos semi-prontos (mimeografados – xerocados) para que os alunos os possam terminar. Qual o seu parecer diante desta prática?
8. Você acredita que a Educação Artística pode ajudar no desenvolvimento infantil? De que maneira?

3. IMAGENS

3.1 FEIRA CULTURAL – E. E. CHIQUINHA SOARES - 2014



Figura 13 – Releitura de obras de Thaís Ibañez

Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)



Figura 14 – Releitura de obras de Thaís Ibañez

Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)



Figura 15 – Releitura de obras de Thaís Ibañez

Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)



Figura 16 – Releitura de obras de Thaís Ibañez

Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)



Figura 17 – Releitura de obras de Thaís Ibañez
Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)



Figura 18 – Releitura de obras de Thaís Ibañez
Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)



Figura 19 – Releitura de obras de Thaís Ibañez

Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)



Figura 20 – Releitura de obras de Tarsila do Amaral

Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)



Figura 21 – Releitura de obras de Tarsila do Amaral

Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)



Figura 22 – Releitura de obras de Tarsila do Amaral

Fonte: arquivo fotográfico pessoal do autor (2014)

3.2 LITERARTE DO COLÉGIO DARWIN BOM DESPACHO (2015)²⁹



Figura 22 – Literarte 2015, supervisoras pedagógicas Fabiane (esquerda), Marilda (direita) e o autor deste trabalho (centro)

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 23 – Literarte 2015, professores ajudando na montagem dos estandes

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D

²⁹As imagens constantes no anexo 3.2 foram retiradas do Face book do Colégio Darwin BD. il. color. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.749589791762444.1073741829.734884533232970&type=3> > acesso em 29/03/2016;



Figura 24 – Literarte 2015, professores e alunos montando os estandes

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 24 – Literarte 2015, professora Lílian e alunos montando os estandes

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 24 – Literarte 2015, alunos montando os estandes

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 25 – Literarte 2015, estande com trabalhos dos alunos

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 26 – Literarte 2015, prof. Daniel Vieira no estande com trabalhos dos alunos

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 27 – Literarte 2015, estande com trabalhos dos alunos

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 28 – Literarte 2015, estandes com trabalhos dos alunos

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 29 – Literarte 2015, estandes com trabalhos dos alunos

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 30 – Literarte 2015, estandes com trabalhos dos alunos

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 31 – Literarte 2015, estandes com trabalhos dos alunos

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D



Figura 32 – Literarte 2015, alunas preparadas para apresentação teatral frente a um dos estandes com produções dos alunos

Fonte: Face book do Colégio Darwin B.D